

Abordagem etnográfica em acervos musicográficos

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO EM SIMPÓSIO

SIMPÓSIO: Acervos Musicais Brasileiros

Nira Azibeiro Pomar
Universidade do Estado de Santa Catarina - Udesc
nirah.musica@gmail.com

Resumo. Esta comunicação é fruto de pesquisa de doutorado concluída e tem por objetivo apresentar discussões e resultados do estudo, que teve como foco acervos musicográficos de duas bandas civis centenárias da cidade de Laguna, sul de Santa Catarina, que mantêm sob sua custódia mais de 1700 obras manuscritas. O estudo foi desenvolvido a partir de uma abordagem etnográfica de arquivos. A coleta de dados também incluiu a pesquisa em periódicos e diálogo com integrantes das bandas, a fim de responder aos seguintes questionamentos: Em que contexto surgiram as bandas e por quais transformações passaram, em termos de formação, atuação e repertório, para se manter em atividade? No total, foram contabilizados nos dois acervos 1.196 envelopes contendo 18.384 folhas, entre partes e partituras. O gênero predominante em ambos os acervos é o dobrado, seguido pela valsa. Fundadas no contexto abolicionista, as bandas União dos Artistas e Carlos Gomes passaram por diversas transformações até hoje, dentre as quais se destaca a drástica diminuição de integrantes negros. Por outro lado, a participação de mulheres, inexistente no princípio, atualmente é bem significativa. As bandas já não se envolvem em questões político-partidárias, mas seguem atuando nas festividades religiosas e cívico-militares. O repertório também se modificou para atender às demandas do público, incluindo atualmente gêneros como pagode, rock, pop e música sertaneja.

Palavras-chave. Musicologia histórica, Acervos musicográficos, Bandas civis.

Ethnographic Approach to Musicographic Archives

Abstract. This communication is the result of a completed doctoral research project and aims to present discussions and findings of the study, which focused on the musicographic collections of two centennial civilian bands from the city of Laguna, in southern Santa Catarina, which hold in their custody more than 1,700 handwritten works. The study was carried out through an ethnographic approach to archives. Data collection also included research in periodicals and dialogue with band members, in order to address the following questions: In what context did the bands emerge and through what transformations have they gone, in terms of formation, activity, and repertoire, to remain active? Altogether, the two collections comprise 1,196 envelopes containing 18,384 sheets, including parts and scores. The predominant genre in both collections is the march (dobrado), followed by the waltz. Founded in the abolitionist context, the União dos Artistas and Carlos Gomes bands have undergone various transformations up to the present day, among which stands out the drastic decrease in Black members. On the other hand, women's participation, absent at the



beginning, is now quite significant. The bands are no longer involved in party-political issues, but they continue to perform in religious and civic-military festivities. The repertoire has also changed to meet public demand, currently including genres such as pagode, rock, pop, and sertanejo music.

Keywords. Historical musicology, Musicographic archives, Civil bands.

Introdução

Esta comunicação é fruto de pesquisa de doutorado concluída (Pomar, 2025) e tem por objetivo apresentar discussões e resultados do estudo, que teve como foco acervos musicográficos de duas bandas civis centenárias da cidade de Laguna, sul de Santa Catarina, que mantêm sob sua custódia mais de 1700 obras manuscritas.

No contato inicial com as bandas União dos Artistas e Carlos Gomes, o material estava armazenado de maneira inadequada e não havia inventário ou catálogo disponível. O trabalho de campo se desenvolveu ao longo de dez meses e incluiu higienização mecânica, substituição de envelopes, organização e inventariação das obras.

O estudo foi desenvolvido a partir de uma abordagem etnográfica de arquivos. Além da imersão no “campo-arquivo” para observação, descrição e interpretação, a coleta de dados incluiu a pesquisa em periódicos e diálogo com integrantes das bandas, a fim de responder aos seguintes questionamentos: Em que contexto surgiram as bandas e por quais transformações passaram, em termos de formação, atuação e repertório, para se manter em atividade?

O embasamento teórico englobou a literatura científica sobre Etnografia de arquivos (Cunha, 2004, 2005; Costa, 2010; Porto, 2012; Sorá, 2015; Silva, 2018; Ferreira; Lowenkron, 2020; Lopes; Ipiranga, 2021; Roque, 2022; Serafim, 2023); Arquivologia musical (Cotta, 1998, 2000, 2006; Castagna, 1998, 2004, 2016, 2017; Faria, 2009; Serafim, 2014; Gomes, 2017; Haddad, 2017; Assunção, 2018; Costa, 2018); Memória, identidade e historicidade (Pollak, 1989; Nora, 1993; Hartog, 1996; Huyssen, 2000; Le Goff, 2003; Ricoeur, 2003; Candau, 2011, 2020; Izquierdo, 2018); e Patrimônio cultural e musical (Cotta, 2006; Cavalcanti, 2008; Chuva, 2009; Ezquerro-Esteban, 2016; Volpe, 2016; Fonseca, 2017; Castagna, 2022).

O trabalho incluiu, ainda, uma revisão de literatura sobre bandas de música, onde se destacam os trabalhos de Kandler e Figueiredo (2010), Amado e Chagas (2016) e Silva *et al.* (2023); além de uma contextualização sócio-histórico-geográfica da cidade-sede das bandas e um breve histórico das duas bandas cujos acervos foram objeto da pesquisa.



Discussões e resultados

O surgimento das bandas em estudo se deu na segunda metade do século XIX, durante o reinado de Dom Pedro II. No contexto dos movimentos abolicionistas, as duas bandas foram formadas majoritariamente por negros escravizados e recém-libertos. No estatuto de fundação da Sociedade Musical União dos Artistas — a banda mais antiga, criada em maio de 1860 —, além da formação e aperfeiçoamento dos músicos, consta entre seus objetivos o combate ao analfabetismo.

De acordo com Lima (2021, p. 18), o associativismo negro no pós-Abolição era parte das ações para inclusão social, conquista e ampliação de direitos não garantidos pela Abolição. Assim, as bandas também seriam espaço de socialização, solidariedade, assistência e resistência. Embora ainda carreguem o “título” de abolicionistas, hoje as bandas são formadas, predominantemente, por pessoas brancas. Até metade do século XX, as bandas eram constituídas exclusivamente por homens.

Em decorrência de suas atividades, as bandas acumularam documentos musicográficos e os mantiveram com a certeza de que o material tinha valor, mas sem saber o que fazer com ele. As sedes das bandas passaram recentemente por reformas e os acervos foram embalados e guardados, da maneira como foi possível: caixas de papelão, caixas poliondas e plástico bolha.

Na sede da Sociedade Musical Carlos Gomes, foram contabilizados 413 envelopes, contendo mais de seis mil folhas, entre partes e partituras. Na União dos Artistas, foram 783 envelopes com mais de doze mil folhas. O documento mais antigo identificado nos acervos é uma Missa copiada em 16 de junho de 1861.

Segundo Farge (2022, p. 71), “o trabalho em arquivos impõe necessariamente operações de triagem, de separação de documentos”. Essa foi a parte mais complexa e demorada, pois havia

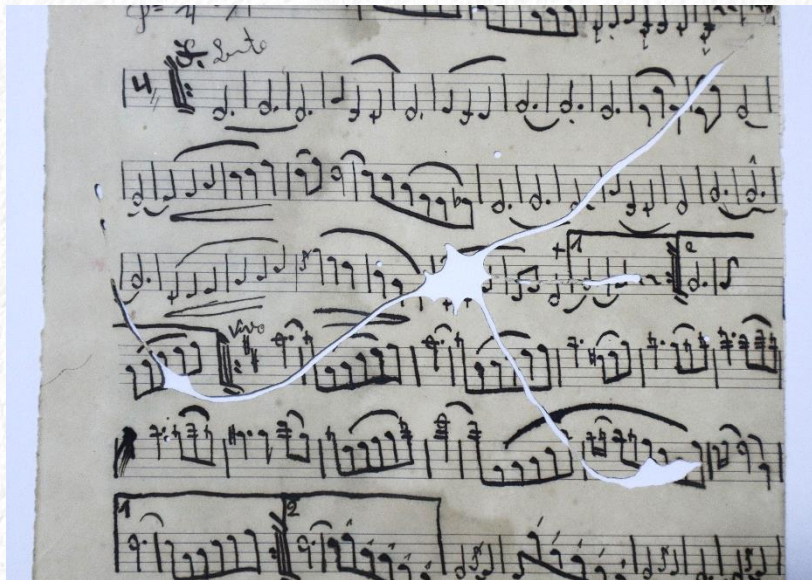
Partes soltas, perdidas, algumas sem identificação (sem título ou autoria). Envelopes com apenas uma folha e envelopes com mais de sessenta folhas. Envelopes com apenas uma obra e envelopes com três, quatro ou mais obras misturadas. Envelopes dentro de outros envelopes. Composições diferentes, com o mesmo título, agrupadas no mesmo envelope, como se fossem uma única obra (Pomar, 2025, p. 67).



Sem falar na diversidade de formatos, gramaturas, tonalidades, marcas e tipos de papéis, muitas vezes em um mesmo envelope. Se, por um lado, a diversidade de papéis em uma mesma obra indica acréscimo de partes e arranjos decorrentes do crescimento da banda, por outro lado, diferentes tamanhos de papel no mesmo envelope aumentam o risco de deterioração.

Da mesma forma, os vincos nos papéis dobrados ou amassados causam fragmentação no decorrer do tempo. O uso de cliques ou grampos metálicos provoca marcas de ferrugem nos papéis; cupins, baratas e traças causam enormes prejuízos e podem até impedir a leitura do documento (Figura 1), assim como manchas de umidade, migração, oxidação ou esmaecimento da tinta. Os fatores potenciais de deterioração do acervo são: umidade, temperatura, luz, radiação, poluentes, pragas, água, fogo, força física e vandalismo.

Figura 1 – Prejuízos provocados por pragas



Fonte: registro da autora (2024)

Com o avanço do trabalho no acervo, as caligrafias foram se tornando conhecidas e a compreensão da escrita ficou mais fácil. Alguns nomes repetidos chamam atenção. Entretanto, muitos envelopes continham partes sem identificação de compositor ou copista, ou mesmo registro de data ou local. É comum encontrar partes perdidas ou misturadas, além de obras homônimas agrupadas no mesmo envelope.

Os gêneros que se destacam são o dobrado e a valsa, seguidos pela marcha. Os acervos também incluem outros gêneros como hino, polka, fox-trot, fantasia, mazurka, tango, schottisch, samba, bolero, charleston, maxixe, quadrilha, sinfonia, ópera, overture e variação. Dentre todas as obras identificadas, apenas 41 fazem parte dos dois acervos, sendo 23 dobrados.

Mesmo se tratando de bandas civis, os títulos das obras acentuam ou reforçam um caráter militar, especialmente no caso dos dobrados. Já em relação às valsas, do total de 385 obras contabilizadas nos dois acervos, 37% fazem homenagem a mulheres em seus títulos. Com frequência, as margens das folhas trazem anotações, homenagens e dedicatórias. As anotações e carimbos revelam pistas dos caminhos percorridos pelas composições até chegarem aos acervos onde estão agora.

Em nenhum dos dois acervos há registro de aquisição dos documentos musicográficos. Mais de 60% das composições e cópias com indicação de local são de outras cidades, estados ou países. Dentre todas as obras com identificação de copista, apenas duas são assinadas por mulheres. A indicação de autoria aparece em menos de 50% das obras e parte desses documentos são autógrafos (escritos pelos próprios compositores).

As abreviaturas e variações na grafia deixam dúvidas sobre os nomes dos copistas e dos compositores. É plausível supor que cada copista escrevesse o nome do compositor conforme o entendesse. Como exemplo, um compositor com 49 obras nos acervos teve seu nome escrito de sete maneiras diferentes.

Entre os compositores das obras de ambos os acervos, há alguns de abrangência nacional, como Eduardo Souto (1882-1942), Marcelo Tupynambá (1889-1953), Zequinha de Abreu (1880-1935), Antônio Manoel do Espírito Santo (1884-1913), que compôs mais de 200 dobrados, e Pedro da Cruz Salgado (1890-1973), que compôs mais de 400 obras desse gênero e ficou conhecido como Rei dos Dobrados. Muitos compositores foram integrantes ou regentes de outras bandas civis ou militares, o que provavelmente favoreceu a circulação de partituras.

Os diferentes repertórios e lugares ocupados pelas bandas as tornam únicas. De acordo com Renato Ortiz (2003, p. 7), “Toda identidade se define em relação a algo que lhe é exterior, ela é uma diferença”, uma construção simbólica e necessária. É o que nos torna diferentes dos outros. Porém, a identidade não é permanente e se reconstrói conforme as bandas vão mudando e se adaptando para sobreviver ao tempo e às dificuldades.



Considerações finais

Esta comunicação apresentou, de maneira bastante sintética, as discussões e resultados de minha pesquisa de doutoramento. Assim, fica a indicação da leitura do texto completo da tese para informações mais detalhadas do estudo.

Desde a fundação, no século XIX, as bandas em questão vêm se transformando para sobreviver. Uma das mudanças mais drásticas diz respeito à participação de negros, que outrora foi predominante e hoje é praticamente nula. Já a presença de mulheres, inexistente no início, atualmente é significativa.

O envolvimento das bandas em movimentos políticos ou partidários ficou no passado. Hoje, a atuação das bandas está centrada nas festividades religiosas e cívico-militares, além dos concursos de bandas e fanfarras. A fim de atender o gosto do público atual, os dobrados já não dominam o repertório, que agora inclui pagode, pop, rock e música sertaneja.

A distância entre os atuais integrantes das bandas e seus acervos foi encurtada durante a pesquisa, mas ainda existe. Os acervos continuam “intocados” e a perspectiva de que essas músicas voltem a integrar o repertório é quase nula.

As teorias isoladas da Biblioteconomia, Arquivologia e Musicologia não são eficientes para tratar, catalogar e arquivar os documentos musicográficos, sendo urgente um esforço conjunto para desenvolver e sistematizar um método que atenda às necessidades informacionais de pessoas interessadas nesses documentos. A preservação dos acervos demanda recursos financeiros, estruturais e humanos e precisa urgentemente da atenção do poder público, pois o risco de perecimento é alto e iminente.

Referências

AMADO, Paulo Vinícius; CHAGAS, Robson Miguel Saquett. O estado da arte dos trabalhos acadêmico-científicos sobre bandas de música: levantamento e apontamentos iniciais de leitura. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 26., 2016, Belo Horizonte. *Anais [...]*. Belo Horizonte: Anppom, 2016. Disponível em: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2016/4172/public/4172-14294-1-PB.pdf. Acesso em: 12 maio 2023.



ASSUNÇÃO, Maria Clara. *Arquivística Musical: revisão bibliográfica para um estado da questão*. 2018. Trabalho para a Cadeira de Teoria e Método das Ciências Musicais, do Mestrado em Ciências Musicais. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17613/M6M85C>. Acesso em: 24 nov. 2021.

CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.

CANDAU, Joel. Memória ou metamemória das origens? *Caderno de Letras*, Pelotas, n. 37, p. 11-30, maio-agosto 2020.

CASTAGNA, Paulo (org). COLÓQUIO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA E EDIÇÃO MUSICAL, 1., 2003, Mariana. *Anais [...]*. Mariana: FUNDARQ, 2004. Disponível em: <https://archive.org/details/IColoquioBrasileiroDeArquivologiaEEdicaoMusical>. Acesso em: 12 fev. 2023.

CASTAGNA, Paulo. As três dimensões do patrimônio musical: uma teoria em progresso. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 14-45, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.24206/lh.v8i1.47605>. Acesso em: 29 jul. 2023.

CASTAGNA, Paulo. Descoberta e restauração: problemas atuais na relação entre pesquisadores e arquivos musicais no Brasil. SIMPÓSIO LATINOAMERICANO DE MUSICOLOGIA, 1., 10-12 jan.1997, Curitiba. *Anais [...]*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1998. p. 97-109.

CASTAGNA, Paulo. Desenvolver a arquivologia musical para aumentar a eficiência da Musicologia. In: ROCHA, Edite; ZILLE, José Antônio Baêta (orgs.). *Musicologia[s]*. Barbacena: EdUEMG, 2016. (Série Diálogos com o Som. Ensaios, v.3). p. 191-243.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Patrimônio cultural imaterial no Brasil: estado da arte. In: CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; FONSECA, Maria Cecília Londres. *Patrimônio imaterial no Brasil*. Brasília: Unesco: Educarte, 2008.

CHUVA, Márcia Regina Romeiro. *Os arquitetos da memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

COSTA, Alexandre. *A representação da informação em fontes de informação musicais digitais: uma análise do Repertório Internacional de Fontes Musicais no Brasil*. 2018. TCC (Graduação em Biblioteconomia) – Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

COSTA, Maria Cristina Castilho. Etnografia de arquivos: entre o passado e o presente. *Matrizes*, ano 3, n. 2, p. 171-186, jan./jul. 2010.



COTTA, André Guerra. Subsídios para uma Arquivologia Musical. CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 11., 1998, Campinas. *Anais [...]*. Campinas: Unicamp; Anppom, 1998. p. 238-243.

COTTA, André. Fundamentos para uma arquivologia musical. In: COTTA, André; BLANCO, Pablo Sotuyo (orgs.). *Arquivologia e patrimônio musical*. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 15-37.

COTTA, André. *O tratamento da informação em acervos de manuscritos musicais brasileiros*. 2000. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Biblioteconomia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Do ponto de vista de quem? Diálogos, olhares e etnografias dos/nos arquivos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 36, p. 7-32, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2242/1381>. Acesso em: 25 jan. 2024.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 287-322, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132004000200003>. Acesso em: 23 jan. 2024.

EZQUERRO-ESTEBAN, Antonio. Desafios da Musicologia Pan-hispânica na atualidade: uma reflexão. In: ROCHA, Edite; ZILLE, José Antônio Baêta (orgs.). *Musicologia[s]*. Barbacena: EdUEMG, 2016. (Série Diálogos com o Som. Ensaios, v.3). p. 25-40.

FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo*. São Paulo: Edusp, 2022.

FARIA, Maurício Marques de. O tratamento documental dos arquivos musicais e a busca de práticas comuns no tratamento da música brasileira para orquestra. *Opus*, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 85-90, jun. 2009.

FERREIRA, Letícia; LOWENKRON, Laura (org.). *Etnografia de documentos: pesquisas antropológicas entre papéis, carimbos e burocracias*. Rio de Janeiro: E-papers, 2020.

FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. 4. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

GOMES, Amanda. A atuação profissional em arquivos musicais: algumas considerações. *Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, v. 7, n. 1, mar. 2017.

HADDAD, Gisele Laura. *Entre teoria e práxis na arquivística musical: diretivas para o Centro de Memória das Artes da FFCLRP-USP (Ribeirão Preto)*. 2017. Tese (Doutorado em Música) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

HARTOG, François. Time, History and the writing of History. *KVHAA Konferenser*, Stockholm, v. 37, p. 95-113, 1996.



HUYSSSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política, amnésia In: HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IZQUIERDO, Ivan. *Memória*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018.

KANDLER, Maira Ana; FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. Bandas de música: um levantamento sobre as pesquisas realizadas no Brasil em cursos de pós-graduação strictu sensu entre 1983 e 2009. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 19., 2010, Goiânia. *Anais [...]*. Goiânia: Abem, 2010.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

LIMA, Ana Paula de. *Sons da cidadania: bandas, músicos negros e uma corporação musical em Campinas no pós-abolição*. 2021. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2021.

LOPES, Luma Louise Sousa; IPIRANGA, Ana Silvia Rocha. Etnografando Arquivos Históricos: caminhos possíveis para pesquisas em estudos organizacionais. *Revista Organizações & Sociedade*, v. 28, n. 96, p. 35-56, 2021.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. *Proj. História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento e Silêncio. *Estudos históricos*, v. 2, n. 3, 1989.

POMAR, Nira Azibeiro. *Outras músicas, outras histórias: acervos e memórias das bandas centenárias de Laguna/SC*. 2025. Tese (Programa de Pós-Graduação em Música) - Udesc, Florianópolis, 2025. Disponível em: <https://repositorio.udesc.br/handle/UDESC/22577>. Acesso em: 03 set. 2025.

PORTO, Nuno. Etnografia de arquivos. In: COSTA, Cristina (org.). *Seminários sobre a censura: Núcleo de Pesquisa em Comunicação e Censura (NPCC/ECA/USP)*. São Paulo: Balão Editorial; Fapesp, 2012. p. 21-38.

RICOEUR, Paul. Memory, history, oblivion. In: HAUNTING MEMORIES? HISTORY IN EUROPE AFTER AUTHORITARIANISM, 8 mar. 2003, Budapest. [Palestra]. *Proceedings [...]*. Budapest: Central European University, 2003. Disponível em: https://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/memoria_historia. Acesso em: 30 mar. 2022.

ROQUE, Ricardo. O arquivo, a coleção e o caçador: autobiografia de uma etnografia histórica. *Etnográfica* [Online], v. 26, n. 2, p. 303-325, 2022. Disponível em: <http://journals.openedition.org/etnografica/11119>. Acesso em: 24 jan. 2024.



SERAFIM, Amanda Gonçalves. As relações entre a antropologia e os arquivos vista através do fundo Roberto Cardoso de Oliveira. *Temáticas*, Campinas, v. 31, n. 61, p. 116-146, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/tematicas.v31i61.17359>. Acesso em: 24 jan. 2024.

SERAFIM, Catarina. Arquivos de música: uma análise às bases teóricas e ao testemunho do trabalho prático. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, v. 27, p. 405-417, 2014. Disponível em: https://doi.org/10.14195/2182-7974_27_8. Acesso em: 24 nov. 2021.

SILVA, Márcio Douglas de Carvalho e. Fazendo etnografia no arquivo: possibilidades e desafios. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, n. 48, p. 75-86, 2018.

SORÁ, Gustavo. Etnografia de arquivos e sociologia reflexiva: contribuições para a história social da edição no Brasil e na América latina. *Revista de fontes*, Guarulhos, v. 2, n. 3, p. 15-28, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/fontes/article/view/9168/6699>. Acesso em: 26 jan. 2024.

VOLPE, Maria Alice. Patrimônio musical e políticas públicas no Brasil. *Revista Brasileira de Música*, Rio de Janeiro, v. 29, n.2, p. 261-276, jul./dez. 2016.

